

VAMOS BRINCAR DE RACISMO? OLHARES SOBRE OS JOVENS COTISTAS DO CEFET/RJ

Samantha Rodrigues de Oliveira¹

Carlos Henrique dos Santos Martins²

Resumo: A escola sempre foi um lugar marcado pela presença de jovens e muitas vezes interpretado por eles como um ambiente enfadonho, tendo por característica padronizar o comportamento e o ensino. Para a comunidade escolar, o problema de aprendizagem e disciplina está centrado na juventude. Contudo, os problemas que se concebem no ambiente escolar não se reduzem apenas à aprendizagem, havendo também desafios na relação entre os jovens que constituem o ambiente escolar. Nesse sentido, o presente trabalho surge com a tentativa de entender como se dá a relação entre os jovens no ambiente escolar e como os jovens negros cotistas são vistos e tratados neste ambiente. Para isso, foi selecionada a instituição CEFET/RJ, unidade Maracanã, a fim de compreender como a implantação da política de cotas-fundamentada pela lei 12.711/2012- está sendo vivenciada pelos alunos na referida instituição.

Palavras-chave: Juventude cotista; políticas de cotas; CEFET/RJ.

LET'S PLAY OF RACISM? LOOKS ON THE YOUTH WITH QUOTAS OF CEFET/RJ

Abstract: The school has always been places marked by the presence of young and often interpreted by them as a boring environment, with the characteristic of standardize behavior and education. To the school community, the problem of learning and discipline is focused on youth. However, the problems that are known in the school environment cannot be reduced only to learning, and there are challenges in the relationship between young people who constitute the school environment. In this sense, this work arises with attempting to understand how the relationship between young people in the school environment is, and how young black men with quotas are seen and treated in this environment. For this, we selected the CEFET/RJ institution, Maracanã unit, in order to understand how the implementation of quotas policy - founded by law 12.711/2012 - is being experienced by students in the institution.

Keywords: youth with quotas; quota policies; CEFET / RJ.

ALLONS JOUER DE RACISME? REGARDES SUR LES JEUNES BÉNÉFICIAIRES D' ACTIONS AFFIRMATIVES DU CEFET/RJ

Résumé: L'école a toujours été un lieu marqué par la présence de jeunes et souvent interprété par eux comme un environnement ennuyeux, en ayant pour caractéristique normaliser le comportement et l'éducation. Pour la communauté scolaire, le problème de l'apprentissage et de la discipline se concentre sur les jeunes. Cependant, les problèmes qui sont conçus dans le milieu scolaire ne peuvent être réduits uniquement à l'apprentissage, et il y a aussi des défis dans la relation entre les jeunes qui composent l'environnement de scolaire. En ce sens, ce travail apparaît avec la tentative de comprendre comment est la relation entre les jeunes dans le milieu scolaire et comment jeunes noirs bénéficiaires d'actions affirmatives sont vus et traités

¹ Mestranda em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Brasil; Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-Graduação em Latim Clássico pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; samanthardo@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais do CEFET/RJ, Brasil. chlobo@oi.com.br



dans cet environnement. Pour cela, nous avons choisi l'institution CEFET/RJ, unité Maracanã, afin de comprendre comment l'implémentation de la politique quota – basée par la loi 12.711/2012 - est expérimenté par les étudiants de l'établissement.

Mots-clés: jeunesse bénéficiaires d'actions affirmatives; des politiques de quotas; CEFET / RJ.

¿VAMOS JUGAR DE RACISMO? MIRADAS SOBRE LOS JÓVENES CUOTISTAS DEL CEFET/RJ

Resumen: La escuela siempre fue un espacio marcado por la presencia de jóvenes y muchas veces interpretado por ellos como un ambiente aburrido, tiene por característica padronizar el comportamiento y la enseñanza. Para la comunidad escolar, el problema de aprendizaje y disciplina está centrado en la juventud. Pero, los problemas que se construyen en el ambiente escolar no se reduce solamente al aprendizaje, también hay desafíos en la relación entre los jóvenes que constituyen el ambiente escolar. En este sentido, el presente trabajo surge con la tentativa de comprender como ocurre la relación entre los jóvenes en el ambiente escolar y como los jóvenes negros cuotistas son vistos y tratados en este ambiente. Para eso, fue seleccionada la institución CEFET/RJ, unidad Maracanã, a fin de comprender como la implantación de la política de cotas- fundamentada por la ley 12.711/2012- está siendo vivenciada pelos alumnos na referida instituição

Palabras-clave: Juventud cuotista; políticas de cuotas; CEFET/RJ.

APRESENTAÇÃO

A juventude é marcada, dentre outros aspectos, pelo dinamismo e flexibilidade, fatores que, supostamente, não são encontrados na vida adulta. Esta parece marcada por responsabilidades e obrigações que forçam o indivíduo adulto a seguir padrões e atribuições que quando jovem, em tese, não eram necessários. Arrisco dizer que o prolongamento da juventude vem marcado por um desejo de redesenho das etapas, a fim de manter e prolongar hábitos e ideologias típicas de uma determinada época da vida, a própria juventude. A título de exemplificação, cito o caso de jovens que prolongam os estudos e, assim, optam por manterem-se na escola ou universidade por tempo indeterminado, assim como na casa de familiares, o que Pais (2003) vai classificar como geração canguru.

Grande parcela da juventude atual está constituída por grupos culturais, que consomem, produzem e também reproduzem culturas. Nesse sentido, fazer parte de um grupo e se aderir a um meio específico configura uma atitude fundamental na construção do ser jovem. Compreende-se, contudo, a necessidade de o jovem vivenciar processos de sociabilidade, principalmente em espaços como a escola e aqueles destinados ao lazer. Fazer parte e se sentir inserido em um grupo são características que mais expressam a dinâmica existente na relação do ser jovem. Um aspecto fundamental

é a construção identitária do jovem na sociedade atual. Essa identidade é construída em tempos e espaços diferentes, a qual se dá através da interação com os diversos grupos. De acordo com Dayrell,

Podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade (Dayrell, 2007, p. 1111).

Nesse sentido, a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável (Bourdieu, 1983), quando os fatores externos acabam por influenciar na construção da identidade do jovem. No entanto, não se deve pensar em juventude sem que se aborde o tema escolarização, pois a escola é um importante espaço de socialização primária, no qual a construção de identidade do jovem é fortemente manipulada. Ser jovem e ser aluno não são a mesma coisa, mas o papel social pode ser construído dentro dos muros da escola e, posteriormente, levado para fora, como frequentemente ocorre. Essa via de mão dupla, esse processo de idas e vindas identitárias marcam, por diversas vezes, os conflitos em seu interior.

Longe de expressar um consenso, deve-se pensar na escola enquanto um ambiente de culturas e grupos diversificados, ou seja, como um ambiente multicultural, onde o jovem tem a oportunidade de sociabilidade. Dayrell, em seu trabalho, destaca que:

A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas, também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais (Dayrell, 2007, p. 1111).

Há ainda uma observação pertinente acerca da escola, pois quando se fala em escolarização, pensa-se na relação que esta possui com o trabalho e o emprego. Na sociedade em que estamos inseridos estar apto para o trabalho tornou-se pré-requisito para a entrada dos sujeitos jovens no mundo do trabalho que se torna a cada dia mais exigente e dinâmico. Como bem salienta Barone,

A experiência brasileira de formação profissional faz parte de um contexto onde já é lugar-comum a afirmação sobre a importância da educação, em seus múltiplos enfoques e/ou dimensões, enquanto componente do desenvolvimento socioeconômico dos países. Há entre os diferentes segmentos da sociedade



quase um consenso sobre a íntima relação que se estabelece entre o aumento do nível educacional da população com maior produtividade e, também, com maior capacidade para o enfrentamento dos problemas advindos do desemprego. A educação é apontada como variável fundamental para dar conta das mudanças registradas em relação ao avanço e implementação das modernas tecnologias, e também como mecanismo fundamental para fazer frente às mudanças desencadeadas pela ampliação do setor de serviços (Barone, 2015, p. 1)

É importante fazer algumas observações a respeito desse tipo de conhecimento. Primeiro, a busca pelo ensino técnico de nível médio vem sendo uma das preferências da juventude atual³, que busca conhecimento profissionalizante. Segundo, a busca por formação que contribua para a ampliação das condições de empregabilidade não representa garantia de emprego. E, terceiro, o jovem inserido em um ensino técnico de nível médio pode encontrar dificuldades de acompanhar o curso, de inserção e de abandono da escola, devido às dificuldades de aprendizagem, de condições materiais de subsistência, dentre outros fatores.

Neste contexto, o presente trabalho tem como interesse entender como ocorre a relação entre os jovens não cotistas e os cotistas negros na instituição CEFET/RJ⁴, partindo da observação empírica de que a relação entre esses alunos está sendo construída com certa divergência, pautada por aspectos até certo ponto conflituosos que revelam situações de preconceito e de intolerância. É importante destacar que o presente estudo compreende em analisar a juventude negra cotista da referida instituição tendo em vista a tensão existente em ser jovem, negro e cotista, características que são frequentemente utilizadas como marcadores identitários e que ainda são motivos de preconceito e discriminação não só na sociedade em que estamos inseridos como também no espaço escolar.

Outro fator que deve ser analisado é que a escola é um *lugar* que acaba por se configurar um espaço social repleto de divisões e particularidades, passando por

³ No ano de 2013 foram realizadas 1.441.051 matrículas em cursos profissionalizantes dentre as redes federal, estadual, municipal e privada de ensino (MEC/INEP, 2013, p. 10).

⁴ Para efeitos de pesquisa, o interesse em adotar o campi maracanã como centro de pesquisa consiste no fato de “A Unidade Maracanã acumula a trajetória histórica do CEFET/RJ, que, iniciada em 1917, com a Escola Normal de Artes e Ofícios do então Distrito Federal, ganha na Escola Técnica Nacional, em 1942, a referência da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial, e assiste, posteriormente, à transformação de Escola Técnica Federal em Centro Federal de Educação Tecnológica, em 1978” (CEFET, disponível em <http://portal.cefet-rj.br/campi/maracana.html>).



diversas ressignificações. Dessa forma, por ser um lugar social que expressa também as próprias contradições da sociedade em que está inserido, parece inevitável o surgimento de questionamentos a respeito da presença do aluno cotista, o qual vem sofrendo estigmatização⁵ e preconceito silenciado naqueles espaços. Não só na escola básica, mas em toda a vida acadêmica, esse jovem é visto e interpretado através de estereótipos.

Ressalta-se, portanto, a importância do presente artigo, que busca compreender como se estabelece a relação entre alunos não cotistas e cotistas negros que acessam vagas no CEFET/RJ, unidade Maracanã, por vagas de ampla concorrência. Mais que um trabalho quantitativo, pretende-se entender os conflitos decorrentes do fato de um jovem negro optar por ingressar em um curso acessando vagas por meio de cotas no CEFET/RJ.

AÇÕES AFIRMATIVAS E O SISTEMA DE COTAS

Antes de prosseguir, faz-se necessário abordar que as ações afirmativas surgiram nos anos de 1960, nos Estados Unidos da América, em um momento de reivindicação democrática pautada pela comunidade negra, quando as leis segregacionistas vigentes no país estavam sendo banidas. Naquele momento, as ações afirmativas acabam por se propagar para outros países – Canadá, África do Sul, Argentina, etc.- assumindo diferentes formas: ações voluntárias, leis, programas governamentais e privados. As Ações afirmativas contemplam diversas áreas, tais como o sistema educacional, mercado de trabalho, dentre outros. Neste trabalho, interessam as ações afirmativas, modalidade cotas. Para tal, elege-se a definição de Moehlecke:

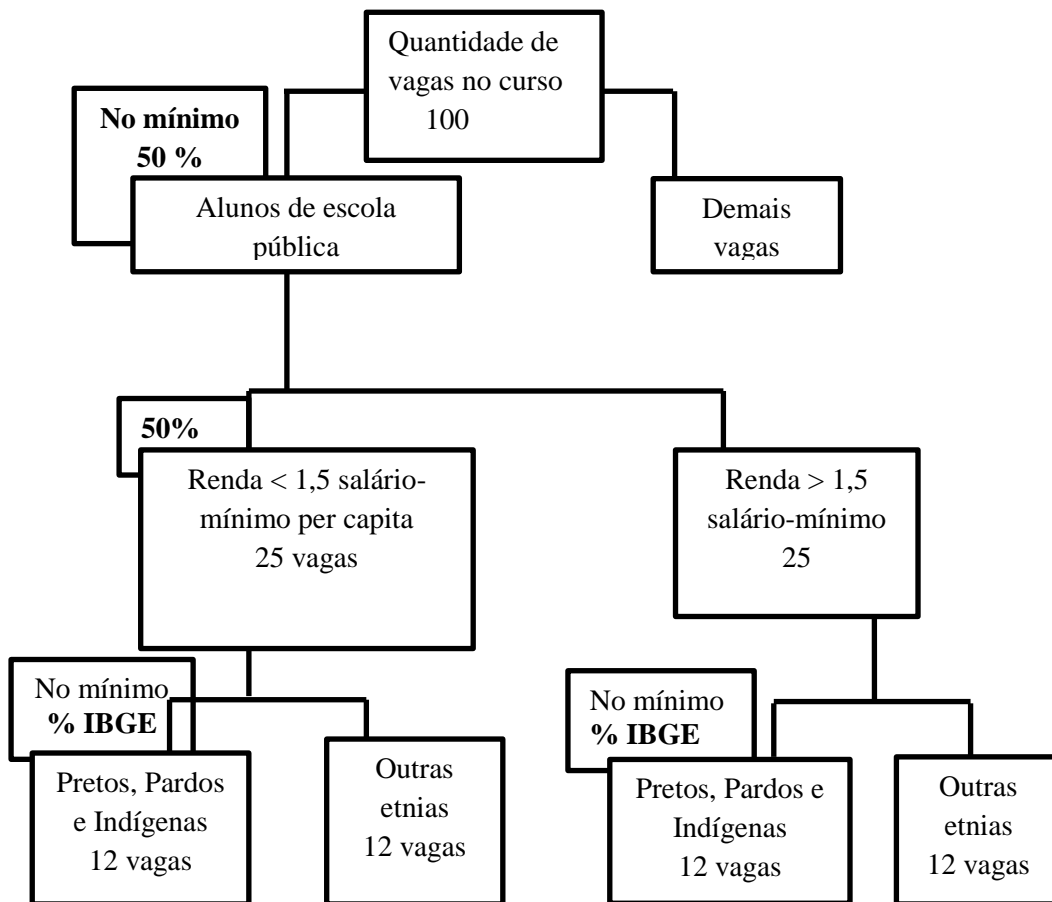
Consiste em estabelecer um determinado número ou percentual a ser ocupado em área específica por grupo(s) definido(s), o que pode ocorrer de maneira proporcional ou não, e de forma mais ou menos flexível. Existem ainda as taxas e metas, que seriam basicamente um parâmetro estabelecido para a mensuração de progressos obtidos em relação aos objetivos propostos, e os cronogramas, como etapas a serem observadas em um planejamento a médio prazo (Moehlecke, 2002, p. 199)

⁵ Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (Goffman, 1975, p. 12).



A política de cotas, quando instituída, abordou o debate a respeito da sua obrigatoriedade no ensino superior e, mais recentemente, com a promulgação da lei 12711/2012, fica obrigatória a reserva de vagas, inclusive, nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Nesse caso, a tabela que segue, demonstra como deve ocorrer a distribuição das vagas nestas instituições, para a elaboração da mesma, trabalha-se com o número fictício de 100 vagas, as quais ficariam divididas da seguinte forma:

Quadro 1. Distribuição das vagas de acordo com os grupos definidos pela lei nº 12.711/2012.



Fonte: Desenvolvido pelos autores com base nos dados disponibilizados na Lei 12.711/2012.

Nesse sentido, a política de cotas configura-se como um importante instrumento para que o acesso ao ensino superior e ao ensino técnico de nível médio seja igualitário para o grupo minoritário. Portanto, são necessárias leis e estratégias que promovam a inclusão de grupos minoritários. Por outro lado, faz-se necessário retomar a análise da tabela e observar que há a real necessidade de intensificar políticas como essas, pois o

caminho a percorrer ainda é longo e intenso. Ao analisar quantas vagas efetivamente os alunos negros concorrem pelo sistema de cotas, é possível verificar que se reduzem ao número de 24 vagas. Portanto, apesar da política de cotas ser um instrumento de acesso igualitário aos grupos minoritários, os números da tabela acima demonstram que na prática o número de negros que entram no concurso através das cotas ainda se faz mínimo em uma instituição que pretende promover a igualdade racial.

O JOVEM NEGRO COTISTA NO CEFET/RJ

O presente trabalho desenvolveu-se através da análise quali/quantitativa de dados de uma pesquisa⁶ realizada dentre os alunos cotistas e não cotistas da referida instituição, unidade Maracanã. Para isso, foram selecionadas duas turmas compostas, respectivamente, de 30 alunos do primeiro ano do ensino médio do curso de mecânica e 27 alunos do primeiro ano do ensino médio do curso de eletrônica da CEFET/RJ, unidade Maracanã. Todos os alunos das referidas turmas responderam ao questionário. E a escolha pela unidade Maracanã se deu por ser a unidade que mais oferta cursos presenciais, totalizando 11 cursos técnicos⁷ e, mais especificamente, houve o interesse pelos cursos de mecânica e eletrônica, pois eram as turmas com o maior número de entrevistados. Através desta pesquisa, foi possível perceber a tensão ainda existente no tratamento dispensado aos alunos negros cotistas. No questionário, quando perguntados⁸ sobre a presença do preconceito no cotidiano escolar, foi possível verificar, através de suas falas, que a discriminação contra esses jovens ainda se faz presente no CEFET/RJ. A seguir, estão expostas as respostas dos alunos:

Mais ou menos. Alguns alunos acham um absurdo, comenta que cotistas são burros não deveriam estar no CEFET (Entrevistado cotista, 16 anos de idade).

Sim, quando um cotista tem dúvidas, os não cotistas fazem brincadeiras meio preconceituosas (Entrevistado cotista, 15 anos de idade).

Fica evidenciado nos depoimentos que a presença do jovem cotista ainda é motivo de repulsa para alguns alunos que acreditam que o CEFET/RJ não deve abrir as

⁶ Pesquisa composta de um questionário semiestruturado, sem identificação, composto de 14 perguntas divididas em subitens.

⁷ Os cursos oferecidos na unidade Maracanã do CEFET/ RJ são administração, edificações, eletrônica, eletrotécnica, estradas, informática, mecânica, meteorologia, segurança do trabalho, telecomunicações e turismo.

⁸ Pergunta número 5 do questionário: Você percebeu algum tipo de preconceito, tratamento diferenciado ou brincadeiras por parte dos alunos não cotistas com relação aos cotistas? Se sim, ou mais ou menos, justifique-se.

portas para alunos cotistas, fato que geram brigas e violência. Dessa forma, ser cotista passou a ser um fardo, pois estes são estigmatizados, menosprezados e caracterizados como inferiores. A questão se agrava quando este cotista é negro, momento em que o preconceito racial entra em cena. Parece, assim, haver um incômodo vivido por certos alunos que não aceitam dividir o espaço com alunos que tem o direito ao acesso por meio da política de cotas garantido através da legislação em vigor. Para alguns alunos que tem acesso por ampla concorrência, o fato de estar no mesmo espaço que cotistas gera uma classificação que tensiona e revela a meritocracia, a discussão entre os melhores e os piores, como observado no depoimento a seguir:

Sim, tem gente que se acha superior por conta de sua pontuação para o ingresso no CEFET. E se acha superior aos cotistas, mas felizmente não são muitas pessoas que tem esse tipo de mentalidade (Entrevistado cotista, 16 anos de idade).

Ressalta-se que as políticas de cotas surgem com a necessidade de equiparação do acesso ao ensino. Contudo, a partir do que se pode observar através dos depoimentos, a sociedade em que estamos inseridos parece ainda lutar de forma silenciada contra esse direito conquistado, principalmente, pelos negros. O problema se agrava ainda mais quando alunos cotistas acabam por negligenciar a existência de preconceito contra os cotistas, conforme podemos observar na tabela que se segue:

Tabela 1. Percepção de preconceito entre os alunos

	<i>Total de Alunos</i>	<i>Declaram perceber preconceito</i>	<i>Declaram não perceber preconceito</i>	<i>Alunos que não opinaram</i>
Não cotistas	31 (100%)	10 (32,26%)	21 (67,74%)	0 (0%)
Cotistas	23 (100%)	17 (73,91%)	5 (21,74%)	1 (4,35%)
Não declarados	4 (100%)	2 (50%)	2 (50%)	0 (0%)

Fonte: Desenvolvido pelos autores

Observa-se que, dos 31 alunos não cotistas, 67,74% declaram não perceber preconceito, enquanto que os que declaram perceber preconceito soma pouco mais de 32% do universo entrevistado. Evidenciando com isso que a grande maioria dos alunos não oriundos de ações afirmativas desconhece o preconceito sofrido pelos alunos



cotistas ou então optam por omitir-se sobre a prática preconceituosa existente dentro da escola. A problemática é agravada quando os depoimentos dos alunos não cotistas, que declaram perceber preconceito, tentam de alguma forma minimizar ou suavizar a discriminação existente, afirmando que o preconceito existente é apenas uma brincadeira, ou que tais brincadeiras não prejudicam os alunos cotistas. Por outro lado, ao analisar a fala de alunos cotistas, fica claro que os mesmos presenciam e sofrem com o preconceito que ainda existe e é silenciado. Como destaca Bandeira (20012), cada vez mais a diferença acaba sendo sinônimo de marginalidade, e o outro, a alteridade, torna-se estrangeiro dentro de seu próprio meio e passa a constituir-se em uma ameaça. O autor destaca ainda que:

O preconceito é possível onde existe uma relação social hierárquica, onde existem comando e subordinação e racionalização do outro. Quem manda atribui valores à sociedade, define o que é bom e o que é ruim. Aqueles que não obedecem são alvo de atribuições identitárias que os desvalorizam, especialmente, a seus próprios olhos (Bandeira, 2002, p. 138).

É possível afirmar que a questão do preconceito contra alunos cotista continua a ser uma problemática existente na sociedade e que também se faz presente no CEFET/RJ. Ao abordar a situação do aluno negro que acessa vagas pelo recorte racial, poderíamos asseverar que o mesmo ainda sofre com a questão do preconceito silenciado que está embutido nas suas relações com os alunos brancos, o qual tendem a se ver numa posição hierárquica superior e, com isso, acabam por ter atitudes preconceituosas contra o negro. Somado a este fato, deve-se questionar sobre a postura assumida pela sociedade a respeito deste problema, uma vez que é possível verificar que existem pessoas que acreditam que a prática de discriminação e preconceito possa ser uma questão inocente, onde o agente realizador do preconceito/discriminação desconheça que esteja agindo desta forma ou utilize desse recurso como rota de fuga assim como o artifício da brincadeira sem intenção. Esse tipo de situação pode ser observado nos depoimentos a seguir:

Sim, mas acredito que sejam totalmente inocentes. (Entrevistado não cotista, 16 anos de idade).

Sim. Percebi mais brincadeiras do que preconceito em si. Hoje em dia tudo é assim, levado na zuação (Entrevistado não cotista, 15 anos de idade).

Mais ou menos. Apesar de existirem brincadeiras, essas são saudáveis e não prejudicam os cotistas (Entrevistado não cotista, 15 anos de idade).



A faixa etária desses jovens alunos negros cotistas que chegam, na sua maioria, oriundos de escolas públicas está compreendida entre 14 e 18 anos de idade, momento em que ingressar em uma escola com certo *status* é recheado de entusiasmo e novas perspectivas. Contudo, esse lugar passa por ressignificações, a partir do momento em que essa juventude depara-se com brincadeiras, piadas e constrangimentos por parte dos colegas pelo fato de serem cotistas e isso tende a se agravar quando o recorte é racial. Estar em tempo integral numa escola bem estruturada, poderia ser o momento em que o aluno que acessa à vaga por meio de cotas pudesse abrir as portas para um novo horizonte, porém, esse aluno passa a ser visto como invasor de um território, como um sujeito de não direitos ocupando um lugar indesejado. Esses fatores acabam por influenciar na trajetória desses alunos cotistas, os quais tendem a não se adaptar e criam estratégias para tornar-se invisíveis durante todo o período em que estão na escola como forma de escapar de piadas e brincadeiras de cunho racista.

Dando prosseguimento à análise dos questionários, pode-se observar que quando os alunos cotistas são interrogados se percebem o preconceito no meio escolar em que vivem, a grande maioria (79,91%) afirma sentir tal discriminação, contra 20% que optam por não afirmar a existência de preconceito. Tais dados indicam abertamente que a estigmatização ainda persiste na sociedade e torna-se um problema real no CEFET/RJ. Analisando os depoimentos de alguns alunos cotistas podemos observar que esses preconceitos podem-se manifestar de diferentes formas, através de brincadeiras, piadas, comentários de cunho racista ou, até mesmo, através de comportamento agressivo, seja ele em redes sociais ou presencialmente, o que pode resultar em agressões físicas. Essa realidade pode ser notada nos depoimentos transcritos abaixo:

Sim, na maioria dos casos diziam que os cotistas não mereciam estar estudando na escola (Entrevistado não declarou ser cotista, 15 anos de idade).

Mais ou menos. Alguns alunos acham um absurdo, comenta que cotistas são burros não deveriam estar no CEFET⁹ (Entrevistado cotista, 16 anos de idade).

Sim, percebo brincadeiras em relação às notas e determinada parte da turma tem um comportamento mais agressivo nas redes sociais com certas pessoas, que por acaso são cotistas, porém isso é bem mascarado (Entrevistado cotista, 15 anos de idade).

⁹ Segundo o entrevistado, esse foi um dos motivos que provocaram brigas durante uma aula da física.

Baseado no último depoimento pode-se observar que o silenciamento ainda existe no seio da nossa sociedade e seria ingenuidade alegar que estamos vivendo um momento de democracia racial, onde ser negro cotista não implica em preconceito e racismo por parte dos colegas. Pode ser compreendido também como tática de sobrevivência no sentido de se proteger e não partir para o enfrentamento. Nesse sentido, o não encarar o preconceito acaba por ser uma tentativa de torna-lo menos evidente. Contudo, a tendência é que o silenciamento e o não enfrentamento seja uma constante na nossa sociedade e acabe por contribuir com o mito de democracia racial.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, houve a preocupação de trazer à tona novamente a necessidade de discussão sobre as questões relacionadas ao preconceito e à discriminação, que de fato ainda existe e deve ser combatido para que a sutileza existente no silenciamento não seja tão forte e propagado de forma avassaladora. Dayrell destaca brilhantemente a situação vivenciada pelos jovens e que se adequa perfeitamente ao vivenciado por negros cotistas nas escolas:

A evidência mais determinante foi e é o processo de massificação da escola pública, que significou a superação das barreiras que antes impediam as camadas populares de frequentarem-na. De fato, as escolas públicas de ensino médio no Brasil, até recentemente, eram restritas a jovens das camadas altas e médias da sociedade, os “herdeiros”, segundo Bourdieu, com uma certa homogeneidade de habilidades, conhecimentos e de projetos de futuro (Dayrell, 2007, p. 1116).

A partir do apontamento do autor, é possível compreender um dos aspectos que levam alguns jovens não cotistas a não aceitarem alunos negros cotistas. Acredita-se que o CEFET/RJ ainda é interpretado como um ambiente de brancos e, supostamente destinada à uma classe média onde alunos cotistas não deveriam estar. Apesar de um processo lento, a heterogeneidade que está em curso na referida instituição acaba por revelar, no seu interior, algumas tensões sendo que os grupos de jovens alunos se constituem como um espaço de trocas subjetivas, mas também palco de competições e conflitos, muitas vezes resvalando para situações de violência no cotidiano escolar (Dayrell, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se, que a complexidade das questões que envolvem o preconceito faz com que as discussões em torno do assunto não se esgotem subitamente. Continua um



tema atual e fortemente presente em nossa sociedade e que existe uma necessidade real de que o mesmo seja ampla e permanentemente discutido por educadores e pelos diversos setores sociais, tendo como uma de suas metas erradicar essa questão dos estabelecimentos de ensino do país. Os depoimentos demonstram que trata-se de um assunto delicado no qual sujeitos estão sendo alvos de brincadeiras e tratamentos preconceituosos por parte daqueles que não aceitam a democratização do espaço escolar no seu sentido pleno bem como não toleram, dentre outras, as diferenças de raças. Nesse mesmo contexto, ainda presenciavam-se jovens que sofrem a discriminação e acabam por silenciar na tentativa de não evidenciar as tensões que existem ao seu redor e que tendem a inferiorizá-los. Por esta razão, parece-nos que a Política de Cotas continua a ser necessária para a entrada de diversos jovens em instituições públicas na tentativa de equiparação do acesso ao ensino e por ser uma forma de demonstrar que há diferença de raças, mas que cada uma deve ser tratada com a sua especificidade e característica própria, fatores que não devem ser alvo de discriminação. Destacamos que a intenção dessa discussão é, na realidade, não esgotá-la, mas ampliá-la. O que se busca com a efetivação desse debate é evidenciar que todas as formas de discriminação sofridos por negros ainda constituem-se em um infortúnio vivido em nossa sociedade e, como visto ao longo desse trabalho, manifestam-se nas formas mais sutis e já se expressam dentro dos muros da escola, local onde as tensões começam a ser mais demarcadas e evidenciadas. Portanto, a contribuição deste trabalho consiste em trazer mais uma discussão acerca desse tema que deve ser amplamente discutido e tratado. Nesse sentido, a escola constitui-se em um espaço privilegiado para a educação democrática pautada em relações de respeito às diferenças e combate às desigualdades, na qual as relações étnico-raciais tenham espaço privilegiado que transcenda o seu aspecto legal.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. ; Soria Batista, Analía. . *Preconceito e discriminação*. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Florianópolis, v. 10, n.1, p. 119-141, 2002.

BARONE, Rosa Elisa M. *Formação profissional: uma contribuição para o debate brasileiro contemporâneo a partir da experiência internacional*. Boletim Técnico do SENAC, São Paulo, 2015. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/bts/241/boltec241b.htm>, acessado em 10/07/2015.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. Disponível em http://search.4shared.com/postDownload/j6DjyDdw/A_Juventude__Apenas_Uma_Palavr.html, acessado em 28/05/2015.

DAYRELL, Juarez. *O rap e o funk na socialização da juventude*. 2002, vol.28, n.1, pp. 117-136. Disponível em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>, acessado em 28/05/2015.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. 24ª Reunião da ABA, junho de 2004. Disponível em: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/ABA2004.pdf, acessado em 28/05/2015.

FRAGA, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. 1ª. ed. Salvador: Fundação Palmares, 2006.

GOFFMAN, E. (1975). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico / – Brasília : INEP, 2014.*

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude no Brasil*, 2010. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/>, acessado em 29/05/2015.

MOEHLECKE, Sabrina. *Ação afirmativa: história e debates no Brasil*. 2002, Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 197-217. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15559.pdf>, acessado em 28/05/2015.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2003.

SPOSITO, Marília. *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação*. Revista Brasileira de Educação, ANPED, nº 13, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n13/n13a05.pdf>, acessado em 28/05/2015.

ZAGO, N. *Do acesso à permanência no ensino superior*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago., 2006.

*Recebido em outubro de 2015
Aprovado em janeiro de 2016*